# Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas: Praça Cel. Pedro Osório, da Casa 8 e Casa 2

Fábio Vergara Cerqueira[1]
Jorge de Oliveira Viana[2]
Luciana da Silva Peixoto[3]

**RESUMO:** este relatório busca apresentar as atividades relativas ao projeto de salvamento arqueológico da Área Urbana de Pelotas, mais especificamente os trabalhos realizados na Praça Cel. Pedro Osório, Casa 8 e Casa 2, desenvolvidas no período de 2002 a 2004.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Arqueologia histórica – Pelotas oitocentista – Patrimônio cultural*

## Aspectos institucionais e objetivos do projeto de salvamento arqueológico

O Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas é um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Laboratório de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL) e coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira. É vinculado ao Programa Monumenta (BIC / MINC), realizado com auxílio técnico da Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas (SECULT) e da Secretaria Municipal de Qualidade Ambiental (SQA), contanto com apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

[1] Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de História e Antropologia, Coordenador do LEPAARQ-UFPEL. Professor do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL.
[2] Peesquisador do LEPAARQ-UFPEL
[3] Arqueóloga, Mestre pelo programa de pós-graduação em memória e patrimônio da UFPEL

**Aspectos históricos da cidade, da área e benfeitorias atingidas pelas escavações**

***Histórico da cidade de Pelotas***

O município de Pelotas se localiza no sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, numa zona de intersecção entre a região serrana conhecida como Serra dos Tapes e a margem ocidental da planície sedimentar interna da Laguna dos Patos e Canal São Gonçalo. A ocupação da região iniciou em 1779, em virtude da exploração empresarial do charque (carne bovina salgada). Às margens do arroio Pelotas, lentamente formou-se o povoado. Em 1812 – ainda submetida à autoridade da Câmara Municipal da vila de Rio Grande, mas já com um expressivo aglomerado populacional – foi elevada à condição de freguesia, denominada Freguesia de São Francisco de Paula, a qual, em 1814, contava com 2.416 pessoas. A elevação ao status de Vila de São Francisco de Paula, que significava a autonomia política, foi efetivada em 1832, devido ao crescimento progressivo da empresa charqueadora, bem como à crescente urbanização e crescimento populacional. Em 1835, foi elevada à categoria de cidade, recebendo a denominação de Pelotas, em homenagem a uma embarcação de couro usada na região pelos primeiros habitantes. O enriquecimento de Pelotas se deu através da produção de charque com base numa estrutura de trabalho escravista. A utilização da mão-de-obra escrava se desdobrava numa rede de atividades pecuárias, charqueadoras, domésticas e fabris (olarias, produção de velas, sebo, cal) A penúria e sofrimento do trabalhador escravo, imagem invertida do enriquecimento dos latifundiários, proprietários das charqueadas, se contrapunha a uma vida de luxo e requinte desses últimos. A consistência do desenvolvimento econômico gerado pela atividade saladeril tornou Pelotas uma cidade atraente para investidores e imigrantes. Desse modo, num primeiro momento, estabelecem-se fábricas a partir da rede produtiva baseada no gado (produção industrial de sebo, velas e cal); num segundo momento, porém, Pelotas vê surgirem

indústrias independentes do complexo saladeril, como as fábricas de cerveja e as tecelagens. Ao longo da segunda metade do séc. XIX, a cidade passou por um processo de desenvolvimento bastante significativo, no que se refere à modernização arquitetônica e urbanística. Na década de 1860, o centro da cidade já se encontrava com uma malha urbana em formato de xadrez, constituída de 52 quarteirões e 8.838 pessoas na zona urbana num total de 13.537 pessoas no município.

***Histórico da área atingida pela escavação***

*Praça Cel. Pedro Osório:*

A *Praça Coronel Pedro Osório* e suas edificações delimitam a primeira etapa dos trabalhos de arqueologia histórica referentes ao projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas. A área envolvida no projeto corresponde ao núcleo do segundo loteamento de urbanização da cidade, datado de 1832.

Conforme mapa da cidade de Pelotas de 1835, a antiga Praça da Regeneração (atual Praça Cel. Pedro Osório) ficou ao centro do núcleo urbano com traçado geométrico. A praça, criada com o nome de Praça da Regeneração, posteriormente foi denominada, durante o Segundo Império, Praça Dom Pedro II.

Em 1832, foram erigidas, diante da praça, em seu limite setentrional, a **Câmara Municipal** e a **Escola Pública**, e, entre esses dois prédios, o **Theatro Sete de Abril**, palco de entretenimento e cultura que animavam a nova comunidade. Como símbolo da autonomia administrativa, foi na Praça da Regeneração que se colocou o **Pelourinho**.

No referido mapa de 1835, aparecem poucas edificações nos entornos da praça, entre elas, a *Casa 2* (então residência do charqueador José Vieira Viana). A praça, no entanto, permaneceu durante muitos anos, bastante alagadiça; sua efetiva urbanização ocorreu somente nos anos 70, quando se torna o centro de todo um

sistema hidráulico, com a instalação do chafariz. Entre os finais da década de 70 e inícios da década de 80, os entornos da praça tornaram-se um verdadeiro canteiro de obras, recebendo as edificações da atual **Prefeitura Municipal**, **Biblioteca Pública Pelotense**, *Casa 8*, *Casa 6*, reformas da *Casa 2*.

*Casa 8 (Residência Conselheiro Francisco Antunes Maciel):*

Construída em 1878 para o Conselheiro do Império Francisco Antunes Maciel, grande proprietário de terras e charqueador da cidade de Pelotas, homem de renomada vida pública, tendo sido Deputado Provincial e Deputado Geral pelo Partido Liberal em cinco legislaturas, chegando a Conselheiro do Império e Ministro no Gabinete Lafaiete.

*Casa 2 (Residência Barão de Butuí):*

Construída no início da década de 1830, em estilo luso-brasileiro, pertenceu originalmente a José Vieira Viana, proprietário de charqueada, com olaria e fábrica de sabão. Posteriormente, a casa foi adquirida pelo charqueador José Antônio Moreira (Barão de Butuí), que a presenteou ao seu primogênito Ângelo Gonçalves Moreira. Em 1880, sofreu grande reforma, "modernizando-a" para adaptá-la, substituindo a aparência colonial pelo aspecto clássico do ecletismo histórico.

**Intervenções de campo: as escavações**

*1ª Fase de Campo: a escavação na* ***Casa 8***

O salvamento arqueológico foi realizado, entre abril e outubro de 2002, numa situação limite, uma vez que as obras de consolidação e fortalecimento das estruturas do referido imóvel já haviam iniciado e corriam em ritmo acelerado, com a priorização da construção de um sistema de drenagem em virtude da elevada umidade do solo. Adotou-se então a técnica do acompanhamento

arqueológico junto ao trabalho dos operários, que foram treinados para identificar material arqueológico.

*2ª Fase de campo: a escavação na* ***Casa 2***

As escavações foram desenvolvidas, após o estabelecimento da malha, em três etapas, entre novembro de 2002 e janeiro de 2004. A terceira etapa foi dedicada à estrutura de tijolos com vestígios de cal, identificada como uma caieira (estrutura produtiva destinada ao fabrico de cal a partir da queima de ossos).

3ª *Fase de campo: a escavação na* ***Praça Cel. Pedro Osório***

Em junho de 2004, depois de estabelecida a malha, foram aleatoriamente definidos mais de uma dezena de postos de sondagem. A escavação dos mesmos transcorreu em 4 semanas, revelando em uma área próxima ao chafariz central, uma importante lixeira. Nesta ocasião foi programada para o ano de 2005 uma escavação mais ampla desta lixeira.

## Resultados

A equipe do LEPAARQ está desenvolvendo a descrição e interpretação dos dados arqueológicos, avançando na explicação das evidências observadas em campo e na caracterização da cultura material exumada, procurando estabelecer critérios de comparação entre os três sítios escavados (*Praça Cel. Pedro Osório, Casa 2* e *8*). Os materiais arqueológicos estão sendo objeto de estudo particularizado por integrantes da equipe. Até o momento, foram concluídos estudos referentes ao material ósseo e à faiança fina.

## Figuras

**Figura 01: Estrutura encontrada na Casa 2 (acervo: LEPAARQ)**

**Figura 02: Fachadas das Casas 2, 6 e 8 (da direita para a esquerda). [acervo: LEPAARQ]**

**Bibliografia**

NOBRE, Chimene Kuhn. *Projeto de Salvamento Arqueológico da Zona Urbana de Pelotas/RS: Catálogo do Material Arqueofaunístico do sítio Casa 8*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. (Monografia), 2003.

PEIXOTO, Luciana da Silva. *Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro Maciel*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. (Monografia), 2004.